
ESPAÇO DE (DES)ENCONTROS: CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NAS FRONTEIRAS BRASIL/ARGENTINA E BRASIL/PARAGUAI

Angélica Margaret Barbosa Cortez¹

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (UNIOESTE)

RESUMO

Esta pesquisa analisou as crenças e as atitudes linguísticas de moradores das fronteiras Brasil/Argentina sobre o espanhol, a partir dos dados coletados no Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato (SELLA; AGUILERA, 2009), em Santo Antônio do Sudoeste-BR, Capanema-BR, e da fronteira Brasil/Paraguai, em Guaíra-BR. A partir da constituição histórica das localidades e das variáveis sociais (sexo, faixa etária, classe social e nível de escolaridade) buscou-se compreender quais componentes (cognoscitivo, afetivo, conativo) atuam sobre as crenças e atitudes linguísticas de falantes do português sobre o espanhol e sobre línguas em contato nas localidades investigadas. O componente conativo foi o menos acionado nos informantes, e, a partir dele, surgiram respostas que mostraram diferenças entre os pontos.

Palavras-chave: Crenças e Atitudes linguísticas. Fronteira. Línguas em contato.

Palavras iniciais

O português é a língua oficial do Brasil, país que faz fronteira com outras dez nações da América do Sul, as quais, majoritariamente, possuem a língua espanhola como língua oficial. Os municípios brasileiros que fazem fronteira com os municípios dos países vizinhos pertencem a um contexto sociolinguístico complexo, pois são marcados, entre outros fatores, pela coexistência de diferentes línguas. Entre essas diferenças, destacamos o português e o espanhol, pelas diversidades dialetais intercompreensíveis ou não, pelas formas culturais das interações sociais, as crenças, as atitudes em relação ao “diferente” (PEREIRA, 2012, p. 48).

Este artigo apresenta um recorte da Dissertação de Mestrado em Letras, realizada na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), acerca das crenças e atitudes linguísticas de informantes brasileiros sobre o espanhol. Os dados compõem os *corpora* do Projeto de Pesquisa Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato (Projeto CAL), coletados sobre coordenação de Aguilera e Sella, de 2008 a 2009, em uma parceria entre pesquisadores das Universidades Estaduais do Oeste do Paraná/Unioeste, de Londrina/UEL, de Ponta Grossa/UEPG e de Maringá/UEM. Os dados utilizados para a pesquisa foram coletados nas cidades de Santo Antônio do Sudoeste e

¹ Endereço eletrônico: angelicambcortez@gmail.com

Capanema, que fazem fronteira com a Argentina, e o município de Guaíra, que faz fronteira com o Paraguai.

A pesquisa está amparada nos princípios da Sociolinguística, considerando seu olhar para os espaços interdisciplinares, “[...] na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo” (MOLLICA, 2019, p. 10). Partimos da compreensão de que a heterogeneidade presente nas línguas decorre dos contatos entre os povos, dos condicionadores sociais e linguísticos. No Brasil, os contatos, conforme Brandão (1991), decorrem do “[...] processo de povoamento e colonização a que foi submetido” (BRANDÃO, 1991, p. 16), resultando na diversidade cultural e linguística que há em nosso país.

Os estudos sociolinguísticos consideram a relevância do aspecto social da linguagem, nos pequenos grupos e nos maiores, devido às mesclas dos comportamentos linguísticos (MOLLICA, 2019). Assim, faz-se necessário um estudo acerca das crenças e atitudes linguísticas em contexto de contato linguístico em regiões de fronteira, considerando a história que marca a constituição das fronteiras e a própria história da instituição do português como língua oficial do Brasil.

Diante da complexa relação que se estabelece na fronteira, principalmente, no que se refere à língua, a pesquisa buscou responder às seguintes perguntas: (i) Quais são as crenças e atitudes linguísticas dos falantes de português sobre o espanhol em comunidades de contato linguístico, em áreas de fronteira?; (ii) Quais fatores, a partir dos componentes cognoscitivo, afetivo e conativo, atuam para a formação das identidades linguísticas dos moradores de Santo Antônio do Sudoeste-BR, Capanema-BR e Guaíra-BR?

O objetivo foi analisar as crenças e atitudes linguísticas de moradores das fronteiras Brasil/Argentina sobre o espanhol, especificamente das localidades brasileiras de Santo Antônio do Sudoeste e Capanema, e da fronteira Brasil/Paraguai, no município brasileiro de Guaíra.

A fim de realizar uma análise aprofundada acerca de como ocorrem as crenças e atitudes linguísticas de falantes fronteiriços, especificamos: a) Refletir sobre a relação entre os estudos variacionistas, de contato linguístico e a constituição das crenças e atitudes linguísticas; b) Estudar as relações que se estabelecem em comunidades de contato linguístico em áreas de fronteira a partir da formação histórica das localidades selecionadas para a pesquisa; c) Verificar as crenças e atitudes linguísticas dos informantes, a partir dos componentes cognoscitivo, afetivo e conativo nas comunidades selecionadas para a pesquisa; d) Avaliar as

crenças e atitudes linguísticas de falantes do português sobre o espanhol nas localidades investigadas, nos dados do CAL.

Para o alcance dos objetivos e busca de respostas às perguntas da dissertação, a pesquisa pautou-se em estudos pioneiros da Psicologia Social sobre atitudes linguísticas, como os dos teóricos Lambert e Lambert (1975), que acreditam que as atitudes são maneiras organizadas “[...] de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 100). As atitudes decorrem de pensamentos, crenças, sentimentos, emoções e das tendências em reagir e essas reações podem ser amigáveis ou conflituosas.

A partir dos dados coletados por meio do Projeto CAL foi possível analisar e compreender, dentro das relações estabelecidas nessas comunidades, quais componentes – cognoscitivo (saber ou crença), afetivo (sentimento/valoração) ou conativo (conduta sociolinguística) (LAMBERT; LAMBERT, 1975) – atuam sobre as crenças e atitudes linguísticas de falantes do português sobre o espanhol nas localidades investigadas para a constituição histórica das localidades e das variáveis sociais (sexo, faixa etária, classe social e nível de escolaridade).

Na sequência deste artigo, serão abordadas teorias sobre contato linguístico, crenças e atitudes linguísticas, a metodologia utilizada na pesquisa e a análise das crenças e atitudes linguísticas dos informantes, seguidas das considerações finais.

Contato linguístico

Os contatos entre as línguas ao longo da história do Brasil, “[...] antes daqueles ocorridos entre línguas, deram-se entre os povos que as falavam e entre suas culturas” (RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011, p. 14).

Nos séculos que se passaram, o contato entre europeus e ameríndios gerou a morte de centenas de línguas; em muitos casos, as línguas morreram porque desapareceram todos os falantes, pelas doenças ou pelas armas dos brancos; em muitos outros, e é geralmente o que continua acontecendo hoje, as línguas desapareceram pela aculturação dos ameríndios em contato com a sociedade ocidental: a língua ameríndia acaba perdendo aos poucos domínios sociolinguísticos, ou não tendo acesso aos novos domínios gerados pela complexificação social, até não ser usada mais ou não ser transmitida para as novas gerações (RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011, p. 19).

Após a chegada do homem branco nas terras brasileiras, ocorreram muitas mudanças, tanto culturais quanto linguísticas, além das misturas entre os povos. De acordo com Raso, Mello e Altenhofen (2011), a morte de uma língua não decorre necessariamente de uma operação violenta, mas pode ocorrer pelo fato de que outra língua, seja americana, europeia, se torne cada vez mais prestigiosa ou mesmo necessária para que as pessoas consigam trabalhar e ter determinados acessos.

Os portugueses, ao chegarem nas terras brasileiras, impuseram a sua língua aos índios que encontraram. Posteriormente, chegaram as línguas africanas, com o tráfico negreiro, além da chegada de muitos outros povos. No entanto, os portugueses já haviam dominado as terras brasileiras e a língua oficial passou a ser a língua portuguesa, embora ainda circulem muitas outras em pequenas comunidades, frutos de ensinamentos familiares que vão passando de geração em geração, de modo informal.

Com as disputas de terras, ao longo dos anos, estabeleceram-se as fronteiras e o Brasil passou a ser o único país da América do Sul que tem a língua portuguesa como língua oficial e o contato com falantes da língua espanhola na faixa de fronteira do território nacional, acaba acontecendo. Porém, há diversos modos desse contato acontecer, dependendo dos povos e do acesso aos países.

Esse contato, dependendo da rotina dos falantes, pode ser diário, pois nessas fronteiras há sujeitos que moram em um país, mas trabalham no outro, como é o caso de um informante de Guaíra, que na entrevista, relatou que trabalha há mais de 30 anos no Paraguai. Outros declararam que o contato se estreita pelas relações comerciais entre os países, aproximação em decorrência do Mercosul. Desse contato (ou não), ao longo do tempo se formam as crenças e atitudes linguísticas que moveram esta pesquisa.

Crenças e Atitudes Linguísticas: uma pesquisa nas fronteiras oeste e sudoeste paranaenses

As regiões fronteiriças são palco de uma história marcante de contatos entre diversos povos que ali chegaram e se instalaram em busca de novos rumos ou mesmo (como foi para a maioria), forçados pelas batalhas e escravidão. De uma forma ou de outra, as histórias nos marcam e nos constituem como sujeitos e assim como contamos nossas experiências de geração em geração, as mãos que dominam as agulhas junto ao novelo de histórias também vão tecendo as crenças e atitudes linguísticas a partir do que foi vivido. São as marcas do tecer: um ponto mais frouxo, um mais forte, um que se soltou, dependendo de cada vivência, mas que estão ali, registradas na memória de quem as escutou.

Para a realização de reflexões acerca das crenças e atitudes linguísticas, seguimos os estudos pioneiros nesse tema, como os da Psicologia Social, de teóricos como Lambert e Lambert (1975), que salientam que nem sempre temos consciência da maioria das atitudes que tomamos e nem ciência da extensa influência que elas causam em nosso comportamento social e que por isso, realizando uma autoanálise seria possível avaliar nossas reações positivas ou negativas acerca de algo ou de alguém.

Os estudos da Psicologia Social refletem a respeito das condições cotidianas de julgamentos e acontecimentos sociais (LAMBERT; LAMBERT, 1975), além de estarem “[...] interessados por estados de emoções em outros, intenções das pessoas, bem como pelas percepções que os indivíduos têm de ordens sociais hierárquicas em seus grupos” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 63).

De acordo com os psicólogos, nem sempre as pessoas revelam abertamente suas atitudes e que por isso, são necessárias inferências de comportamentos sutis, às reações, pensamentos e sentimentos das pessoas. Enquanto alguns sujeitos não têm consciência de suas atitudes, outros as percebem de tal modo que chegam a escondê-las ou até mesmo a mascará-las. Portanto, as reações se dão tamanha a importância que as atitudes têm na determinação dos nossos comportamentos, tanto que influem nos juízos e percepções que temos acerca das outras pessoas, na rapidez com que aprendemos algo, nos grupos aos quais nos ligamos, nas profissões que escolhemos e até na filosofia que aceitamos (LAMBERT; LAMBERT, 1975).

De acordo com os psicólogos, há uma aprendizagem das atitudes por meio de transferências, que podem ser favoráveis ou não. Um exemplo dado por Lambert e Lambert (1975), é de que

“[...] alguém poderia transferir uma atitude inteiramente favorável a imigrantes ao descrevê-los como “maltratados”, “trabalhadores”, “amistosos” e “alegres”. Ou poderia transferir uma atitude negativa ao descrevê-los como “estranhos”, “não-merecedores” de confiança”, “sujos” e “mentirosos”” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 120).

Nesse processo, tudo depende da interação dos sujeitos, dos possíveis diálogos, das suas vivências e das relações que tiveram e que continuam tendo.

Lambert e Lambert (1975), definem que “[...] nossas atitudes se desenvolvem quando enfrentamos nossos ambientes sociais e nos ajustamos a eles. Uma vez criadas as atitudes, estas levam regularmente a nossos modos de reagir e facilitam o ajustamento social” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 101). Segundo os psicólogos, é possível que haja uma mudança quanto

às atitudes do sujeito, dependendo das experiências que ele tiver. Porém, se os comportamentos seguirem os mesmos, a tendência é que se reaja de um “[...] modo padronizado a determinados acontecimentos ou a determinados grupos” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 101). De acordo com Sella e Corbari (2012),

As pessoas geralmente fazem atribuições positivas ou negativas com relação a falantes que têm sotaque diferente ou que falam uma variedade diferente. Tais atribuições, no entanto, não dizem respeito a características inerentes do sotaque do falante ou da variedade que utiliza, mas estão estreitamente ligadas às atitudes das pessoas em relação à região, ao país ou ao grupo linguístico ao qual o falante pertence. (SELLA; CORBARI, 2012, p. 727).

Em regiões fronteiriças e de muitos contatos, como as estudadas nessa pesquisa, as crenças e atitudes linguísticas dos falantes se manifestam de modo avaliativo, seja em relação à língua do outro, ao país, às capacidades profissionais, entre outros fatores que influenciam para a formação das crenças e atitudes.

No espaço fronteiriço não é diferente, embora haja o contato, às vezes mais direto, podem haver atitudes dos sujeitos que ali vivem, que determinem certos limites, seja na escolha do convívio, do bairro em que vai morar, se namoraria um(a) vizinho(a) fronteiriço(a), se gostaria de aprender espanhol ou não, entre outras questões que geraram dados que serão analisados na dissertação, dependendo das crenças e dos tipos de contato ao longo do tempo.

De acordo com o sociolinguista Moreno Fernández (1998), as atitudes implicam em componentes de caráter cognoscitivo, pelo viés do saber, das crenças, dos pensamentos; afetivo, considerando os sentimentos, a avaliação; ou conativo, referente às condutas, que podem ser positivas ou negativas. E explica que:

Éste es el criterio de los defensores de una interpretación mentalista de la actitud, aunque los psicólogos conductistas suelen ver en la actitud un elemento único, a menudo afectivo o de valoración. Entre los partidarios de interpretar la actitud como una entidad compleja, que son la mayoría, existen discrepancias para determinar cómo se relacionan entre sí estos conceptos, y todos ellos con la actitud, lo que equivale a plantear el problema de describir la estructura componencial de las actitudes lingüísticas (FERNÁNDEZ, 1998, p. 183).

Durante a pesquisa o processo de análise dos dados de verificação das crenças e atitudes linguísticas se deu a partir da interpretação mentalista, proposta por Moreno Fernández,

considerando as relações entre crenças, sentimentos e condutas, que podem ser positivas ou negativas.

Na seleção do *corpus*, pelo viés cognoscitivo, os pensamentos e crenças podem ser medidos a partir da resposta à pergunta, por exemplo: “Aqui em Santo Antônio do Sudoeste tem pessoas que falam diferente de você? (Capanema, Guaíra)”. Essa questão faz com que seja possível identificar o que os informantes sabem a respeito das línguas faladas na região.

Quanto ao componente afetivo, dos sentimentos e avaliação, um exemplo de questão feita aos informantes é: “Comparando essas línguas, quem fala melhor? Por quê?”. A partir das repostas a essa pergunta, é possível analisar se os informantes farão o movimento de avaliar as línguas com as quais têm contato e escolher quem fala melhor ou pior (como ocorre em outra questão), além de justificar a escolha.

Por fim, o componente conativo, que se refere às tendências de reação, medidas com perguntas como: “Quando você se aproxima deles, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?” e “Se você pudesse proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Santo Antônio do Sudoeste? (Capanema, Guaíra)”. Com essas questões é possível descrever as crenças e atitudes dos informantes em relação à outra língua, à conduta das pessoas que moram no país vizinho, à própria opinião sobre essas pessoas, lugar e cultura. Portanto, pensar, crer, sentir e comportar-se positivamente ou negativamente em determinadas situações, certamente influenciará nas relações humanas ao longo do tempo.

A seguir, serão descritos os procedimentos metodológicos utilizados para o levantamento dos dados coletados pelo CAL.

Procedimentos metodológicos da pesquisa

Para esta pesquisa foram utilizados dois métodos: o qualitativo e o quantitativo. Minayo (2002) diz que o conjunto de dados quantitativos e qualitativos “[...] se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia” (MINAYO, 2002, p. 22).

Uma pesquisa de cunho qualitativo é “[...] essencialmente descritiva” (TRIVIÑOS, 1987). O autor explica que: “[...] desta maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso, não é vazia, mas coerente, lógica e consistente” (TRIVIÑOS, 1987, p. 128). Trata-se

de um processo complexo no momento da construção do trabalho, pois requer um distanciamento entre os pesquisadores e a investigação.

Quanto aos dados quantitativos da pesquisa sobre crenças e atitudes linguísticas, Gómez Molina (1996) afirma que: “[...] podemos considerar que las actitudes son adquiridas, permanecen implícitas, son relativamente estables, tienen un referente específico, varían en dirección y grado, y proporcionan una base para la obtención de índices cuantitativos” (GÓMEZ MOLINA, 1996, p. 106). Desse modo, a pesquisa de cunho quantitativo é muito importante, pois é realizada no intuito de que haja precisão dos dados coletados, considerando que as informações são numéricas e objetivas.

Para esse estudo foram considerados os critérios estabelecidos no Projeto CAL, como a escolha dos informantes, a dimensão diasssexual (sexo feminino ou masculino); a dimensão diageracional (diferentes faixas etárias) e a dimensão diastrática (grau de escolaridade dos informantes). Mollica (2019) afirma que, embora haja vários estudos que correlacionam essas variáveis, ainda não há “[...] um efeito padronizado” sobre elas (MOLLICA, 2019, p. 27).

De acordo com Paiva (2019), não se pode ignorar que a maior ou menor parte de ocorrência de variações estejam associadas ao gênero/sexo do falante, bem como à construção social que o feminino e masculino representam. Para a autora, “a interação entre gênero/sexo e classe social faz sobressair o fato de que as diferenças linguísticas entre homens e mulheres podem ser mais ou menos acentuadas em função da classe social a que eles pertencem” (PAIVA, 2019, p. 37).

Ao realizarmos uma pesquisa, é importante que seja com sujeitos de diferentes faixas etárias, porque, conforme os anos passam, os falantes mudam a linguagem e a partir das experiências vividas, também se modificam as crenças, as atitudes e os posicionamentos. No projeto CAL foram selecionadas as seguintes faixas etárias dos informantes: a) GI (18 a 30 anos), geração mais nova; b) GII (31 a 50 anos), geração intermediária; c) GIII (51 a 70 anos), geração mais velha.

Votre (2019), ao falar da variável escolaridade, afirma que “[...] a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever” (VOTRE, 2019, p. 51). Sendo assim, podemos considerar que há uma grande influência da escola com relação à mudança ou não no uso da língua.

Para o levantamento dos dados juntamos os informantes na busca de que tivessem a mesma faixa etária (ou pelo menos aproximada), sexos diferentes e mesmo nível de escolaridade. Para tanto, alcançamos o número de 14 informantes em cada localidade.

Posteriormente, os dados foram quantificados, seguido da interpretação qualitativa das respostas dadas pelos informantes durante as entrevistas.

Na seleção de pontos, Santo Antônio do Sudoeste-BR é o ponto 1, cidade gêmea de San Antonio-AR. O ponto 2 é o município de Capanema-BR, fronteiro de Comandante Andresito-AR. Por fim, Guaíra é o ponto 3, também cidade gêmea do município paraguaio Salto del Guairá-PY.

De acordo com os princípios éticos, optamos pela utilização de códigos de acordo com os pontos da pesquisa (1, 2 e 3), gênero dos informantes, feminino ou masculino (F; M), e a faixa etária na qual se encaixam (GI, GII ou GIII). Portanto, 3FGIII, por exemplo, é uma informante que reside em Guaíra, do sexo feminino e que tem entre 51 e 70 anos.

Na sequência, comentaremos alguns dos excertos que renderam análise sobre as crenças e atitudes linguísticas dos(as) informantes em relação aos componentes cognoscitivo, afetivo e conativo, acionados a partir das questões realizadas.

Um olhar para os dados acerca das crenças e atitudes linguísticas nas fronteiras Brasil/Argentina e Brasil/Paraguai

As fronteiras nas quais foram coletados os dados são regiões de contatos linguísticos e culturais, localidades em que migrantes e imigrantes se estabeleceram e fizeram desses lugares, sua morada. A identificação das línguas e falares presentes na comunidade pode ser tomada como referência para a consciência linguística dos falantes e o posicionamento frente às línguas com as quais os informantes têm contato, seja por meio da família, da escola, dos amigos, da fronteira, do trabalho, ou mesmo por passar na rua e ouvir as pessoas conversando em outras línguas.

Na primeira questão os informantes deveriam responder qual/quais língua(s) eles falam. Para a análise das questões nos detivemos nas respostas em relação à língua espanhola, de acordo com os objetivos da pesquisa. Sendo assim, além da língua portuguesa, em Santo Antônio do Sudoeste, 43% dos informantes disseram falar também a língua espanhola; em Capanema, apenas 7%; e em Guaíra, 29%. Portanto, apesar de viverem na fronteira, a relação com a língua espanhola é relativamente pequena nessas localidades.

Além disso, dos informantes que disseram falar o espanhol, responderam que “falam pouco” ou “ao modo que é falado na fronteira”. A consciência sobre a maneira de falar dos sujeitos é como um índice classificatório da variação linguística e das suas implicações sociais

(LÓPEZ MORALES, 1993). Nesse sentido, os informantes mostraram ter consciência da diversidade linguística, fenômeno comum em regiões de grande variedade linguística, em comunidades que fazem uso de dialetos ou em regiões de fronteira. Ou seja, de modo geral, há uma consciência linguística sobre a própria fala e uma cobrança na avaliação dessa fala, que provavelmente, seja em decorrência do contato, de perceber que a língua espanhola nem sempre é tão parecida com a língua portuguesa.

Na próxima questão os informantes responderam se nos locais em que moram há pessoas que falam diferente deles e 100% disse que “sim”. Logo, foram questionados sobre qual língua essas pessoas falam. A língua espanhola apareceu em várias respostas, e também o portunhol² em algumas. Ou seja, o componente cognoscitivo foi acionado nessas questões, embora a maioria dos informantes não saiba falar outras línguas, eles são cientes da presença delas nas regiões.

As próximas questões a serem discutidas têm o objetivo de analisar a avaliação dos informantes com relação às línguas em contato, classificando-as de acordo com o componente afetivo acionado. Quando questionados sobre quem fala melhor e por quê, nas três localidades, mais de 50% citaram a língua espanhola. Vejamos o excerto com a resposta de 3FGI, de Guaíra:

3FGI. - Ah, acho que é o espanhol paraguaio, né.

INQ. - Por quê?

3FGI. - Não sei, eu acho bonito, só.

A informante destacou que acha mais bonito o espanhol paraguaio, ou seja, o espanhol com o qual tem contato, devido à fronteira com Guaíra, o que também mostra o componente afetivo, por meio de uma estima com a língua espanhola falada na região. Muitas vezes, o componente afetivo se manifesta por meio de atributos – positivos ou negativos – às línguas (como ocorre nesse caso) ou aos falantes (objetos de sua avaliação ou juízos de valor).

A próxima pergunta foi sobre quem fala pior. Vejamos o que diz o informante de Guaíra, 3MGI:

3MGI - O paraguaio.

INQ. - Por quê?

3MGI - Acho que... O paraguaio é um povo descendente de indígenas, né, eles não têm muito o privilégio de tá lendo, têm que sempre tá trabalhando pra correr atrás, então, acho que eles fariam pior de todos.

² De acordo com Sturza (2006): ‘O “Portunhol” designa uma prática linguística deficitária, uma passagem entre uma língua e outra, por isso nem uma língua nem outra.’ (STURZA, 2006, p. 131).

Nessa resposta observa-se o componente afetivo, atrelado ao componente cognoscitivo, com uma crença que se mostra pelo viés de um olhar de rejeição ao povo paraguaio disfarçado em meio a justificativas e generalizações sobre o país vizinho, como a de que o povo paraguaio é “descendente de indígenas” e por isso “não têm privilégios”, como a possibilidade de ler. Porém, percebemos um esquecimento histórico na fala de 3MGI, quando ele desconsidera que o povo brasileiro também é descendente de indígenas. Segundo Bentivoglio (2014),

Numa sociedade em que determinados códigos morais e em que configurações de ordem política, cultural ou econômica informam uma dada opinião pública, as lembranças e os esquecimentos na história parecem ser política e ideologicamente orientados. Como se observa, há produção de esquecimento sempre em curso, seja inconscientemente, seja **motivada pelo Estado**, seja por **certas instituições**, seja **por grupos ou pelas próprias pessoas**. No passado e também no presente. (BENTIVOGLIO, 2014, p. 386, grifos nossos).

Esse esquecimento geralmente está atrelado a muitas questões, sejam políticas, ideológicas, culturais, econômicas e/ou sociais, que levam a crenças e a posicionamentos sobre determinados assuntos. Por isso, muitas vezes, a fala é cheia de certezas e generalizações, como quando o informante comenta sobre a falta do privilégio de ler, que o povo paraguaio tem de trabalhar, o que o leva a crer que, por esse motivo, os paraguaios falem pior.

Essa justificativa, porém, apresenta-se pautada em uma posição política sobre a cultura e a língua dos vizinhos, considerando que a escola indígena ou fronteiriça paraguaia é gratuita, portanto, não seria considerado um privilégio, se é de acesso a todos os que lá querem estar. Portanto, o informante apresenta uma crença (componente cognoscitivo) sobre o povo paraguaio e justifica o porquê ele acredita que os paraguaios falem pior, pela falta de oportunidades de ler, já que têm de trabalhar desde cedo. Contudo, essa visão de 3MGI define todo o povo paraguaio, como se as experiências dele com indivíduos na fronteira, o levassem a conhecer o país como um todo.

Quando questionados sobre quem fala melhor, nos três pontos, as porcentagens foram altas para a língua portuguesa, provavelmente, por fazer parte da constituição identitária dos informantes, por se sentirem pertencentes ao Brasil e acreditarem ter a língua como parte de sua formação identitária e histórica. Quanto aos resultados referentes à língua espanhola, muitos informantes optaram por outras línguas com as quais têm contato; nesse caso, a colocação da língua espanhola ficou bem abaixo.

Na próxima questão os informantes responderam se essas línguas são bonitas ou feias. Dentre as alternativas de respostas que surgiram para essa questão, alguns informantes não

ficaram apenas nos conceitos de “bonita” ou “feia”. Apareceram adjetivos como “diferentes”, “estranhas”, “código” e alguns informantes não a responderam. No entanto, a maioria, nos três pontos, disse considerar essas línguas mencionadas ao longo da entrevista, bonitas.

Na pergunta seguinte, os informantes deveriam escolher qual a língua mais bonita. Nessa questão, como em outras, as respostas dos informantes foram muito variadas, considerando a quantidade de línguas com as quais os informantes têm contato nas regiões investigadas. No entanto, salientamos que a língua espanhola foi destaque entre as consideradas mais bonitas, nos três pontos. Nesse sentido, nota-se até aqui um sentimento de valorização da língua espanhola por muitos informantes brasileiros. Embora alguns tenham respondido que a língua portuguesa é mais bonita, esse número ficou abaixo se o compararmos com os resultados obtidos para a língua espanhola. Vejamos o excerto de uma informante de Santo Antônio do Sudoeste:

1FGIII - O espanhol. Acho lindo.

A escolha da informante de Santo Antônio do Sudoeste, pela língua espanhola, indica o componente cognoscitivo acionado pelo conhecimento que a informante demonstra ter da língua e o componente afetivo, no momento que há um sentimento positivo em relação à língua espanhola, como quando ela revela: “Acho lindo”.

Quanto à língua considerada mais feia, a língua espanhola foi citada por 22% dos informantes de Santo Antônio do Sudoeste; em Capanema, por nenhum(a) informante; e em Guaíra, apenas por um(a) informante. A seguir, a resposta do informante 3MGI:

3MGI – Paraguaia, acho mais feia. Agora, a língua americana, acho mais bonita. Até as músicas são mais bonitas.

Além de 3MGI classificar a língua paraguaia como a mais feia, ele destaca a língua americana como a mais bonita. Por esse viés, Moreno Fernández (1998) comenta que “[...] las lenguas tienen un significado o unas connotaciones sociales, es natural que sean apreciadas y evaluadas de acuerdo con los estatus o las características sociales de sus usuarios” (FERNÁNDEZ, 1998, p. 180). Nesse sentido, a língua falada pelos norte-americanos tem grande prestígio social, por ser falada em um país de primeiro mundo.

Na sequência os informantes foram questionados: “Quando você se aproxima deles, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?” Para essa questão consideramos os dados positivos em relação à língua espanhola nos três pontos. De acordo com os resultados,

Santo Antônio do Sudoeste teve o menor índice, metade dos informantes disseram que os vizinhos não param de conversar; em Capanema esse percentual foi de 85% e em Guaíra, de 69%. De modo geral, os informantes responderam sucintamente a essa questão, sem justificativas do porquê os vizinhos argentinos ou paraguaios param ou continuam falando.

A seguir: “Se você pudesse, proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Santo Antônio do Sudoeste/Capanema/Guaíra?” Nessa pergunta os índices foram de conduta positiva, especialmente em Capanema, que todos os informantes disseram que não proibiriam; já em Santo Antônio do Sudoeste (86%); Guaíra (79%). Embora apenas 21% dos informantes de Guaíra tenha respondido que proibiriam, e 14% em Santo Antônio do Sudoeste, consideramos que as condutas foram relativamente positivas e não totalmente, já que a pergunta fala em proibição de línguas, ou seja, proibir uma língua é proibir uma identidade, calar sujeitos que estão em locais públicos, de livre circulação. Analisemos a resposta de 3FGIII, de Guaíra:

3FGIII. - Sim, eu proibiria por que nós somos da língua portuguesa e pra mim mesma eu não sentiria bem porque a língua é diferente, eu não entendo. Eu proibiria, se eu pudesse.

A informante 3FGIII disse não se sentir bem ao ouvir as línguas diferentes porque não as entende e por isso teria a atitude de proibir, se pudesse. Uma resposta individualizada, sem pensar nas línguas que transitam na região de Guaíra, que são muitas. O componente cognoscitivo foi revelado, quando ela fala: “eu não entendo”, ou seja, há uma consciência linguística e o componente conativo também foi acionado nessa questão, o que levou a informante a responder que teria determinada atitude, no caso, de forma positiva à proibição de outras línguas.

Na sequência, os informantes foram questionados: “Na igreja, no templo, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)?” Em Santo Antônio do Sudoeste, 54% dos informantes disseram que não há necessidade de outras línguas serem faladas nas igrejas ou nos templos, e em Guaíra, 67%. Já os informantes de Capanema que se opuseram às línguas foram 36%, e 50% acreditam que essas línguas deveriam ser faladas nos locais mencionados.

Na sequência: “A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?” Vejamos o que diz o informante de Santo Antônio do Sudoeste, 1MGII:

1MGII. - Eu acho que não, porque a escola é assim ó: no fundamental dos colégios têm muitos estudos... então pra eles aprenderem línguas

diferentes, deixa um pouco de lado o que tem obrigação, o nosso português aí, história, geografia, é isso, é aquilo, a matemática, o português, então pesa um pouquinho na carga horária dos alunos, né.

O informante 1MGII acredita que as escolas não têm de ensinar as línguas que circulam em Santo Antônio do Sudoeste, porque os alunos já têm outros conteúdos para aprender e seria pesado na carga horária deles. Nessa questão, os componentes cognoscitivo e conativo foram acionados, porém, de forma desfavorável ao ensino de outras línguas nas escolas. No entanto, nós, como professoras, sabemos da importância em ter a oferta de outras línguas na escola, até porque a criança aprende outro idioma em pouco tempo e com muita facilidade.

Na sequência, os informantes responderam à questão: “Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?” Com relação ao interesse em aprender a língua espanhola: em Santo Antônio do Sudoeste (54%); Capanema (39%) e Guaíra (22%). Ou seja, apenas os informantes de Santo Antônio do Sudoeste demonstraram maior interesse em aprender a língua espanhola, nos outros pontos os resultados foram relativamente baixos, especialmente em Guaíra, o que indica que não há interesse em aprender a língua espanhola, por diversas questões, como afinidade, descendência de outros povos ou mesmo valorização de outras línguas.

A questão seguinte foi: “Você estudou ou fala alguma dessas línguas? Qual? Onde aprendeu?” Para essa pergunta, a maioria, nos três pontos, disse não ter estudado outras línguas. Quanto ao estudo da língua espanhola, foram poucos os informantes a relatarem que a estudaram nos três pontos, especialmente em Capanema, se considerarmos que são contextos fronteiriços e a circulação da língua espanhola nessas regiões. Além disso, os informantes que declararam que estudaram o espanhol, disseram que aprenderam na escola, e que consideram que sabem pouco, o básico.

Na sequência, a pergunta realizada foi: “Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos/paraguaios, você compraria?” As respostas foram bem positivas, especialmente em Capanema, onde todos os informantes disseram que comprariam casa em bairro que só tivesse argentinos; em Santo Antônio do Sudoeste, 93% também disseram que comprariam, mas em Guaíra os resultados foram divididos: 50% se opôs em morar em um bairro que só tivesse paraguaios e a outra metade disse que moraria. Sendo assim, os resultados foram bem diferentes dos brasileiros que têm contato com os argentinos e os que têm contato com os paraguaios.

Destacamos a resposta de um informante de Santo Antônio do Sudoeste:

1MGIII. - Argentinos, sim, paraguaios... isso é muito difícil... o povo fala muito guarani, né, é coisa muito complicada, acho que esse daí eu não moraria.

A justificativa de 1MGIII está atrelada à língua guarani falada pelos paraguaios, dita pelo informante como “coisa muito complicada”. Esse argumento leva à crença (componente cognoscitivo) do informante de que sua própria língua é mais fácil de entender e que a fala do outro, é mais difícil (SANTANA, 2016). Além disso, expressões como “isso é muito difícil”, “acho que daí eu não moraria” indicam o componente conativo, revelando as atitudes que ele teria. No entanto, 1MGIII vive na cidade que faz fronteira com a Argentina, então, em relação aos vizinhos, teve um posicionamento favorável, a partir do componente conativo, conforme a resposta.

Vale destacar que, pelos dados, essa pergunta foi feita de modo geral a todos os informantes de Santo Antônio do Sudoeste, sendo questionados (em uma única pergunta), sobre como seria o contato não só com quem faz fronteira direta, como os argentinos de San Antonio, mas também, no caso, com os paraguaios. Por isso obtivemos uma única resposta do informante se referindo aos argentinos e paraguaios.

Na sequência, temos a questão: “Você tem amigos argentinos/paraguaios? Como começou esta amizade?”. Os resultados foram positivos em Santo Antônio do Sudoeste e em Guaíra, em que mais de 70% dos informantes disseram que têm amigos argentinos e paraguaios. Em Capanema o percentual foi relativamente positivo: 43% disseram que têm amigos argentinos.

Considerando as respostas obtidas na pergunta anterior e as referentes à última, em Capanema houve uma significativa variação, ou seja, os informantes têm menos amigos argentinos do que os outros pontos, mas estão abertos a construir novas relações, como só ter vizinhos argentinos, por exemplo, o que indica uma conduta positiva. Talvez esse resultado em Capanema se deva à menor frequência de contato, já que o núcleo urbano argentino mais próximo (Comandante Andresito) se situa relativamente longe da fronteira, diferente do que ocorre nas outras duas localidades.

Na sequência: “Você namoraria ou se casaria com um(a) argentino (a)/paraguaio(a)? Por quê?”. Nessa questão, novamente tivemos melhores resultados em relação aos argentinos do que aos paraguaios: em Santo Antônio do Sudoeste todos os informantes responderam que se relacionariam com argentinos(as); em Capanema (86%) e Guaíra (64%). Inclusive o excerto abaixo da informante de Guaíra aponta que a justificativa de costumes e crenças diferentes.

Houve outras respostas semelhantes, ou seja, os informantes de Guaíra se mostraram mais resistentes a uma abertura com o povo paraguaio. Vejamos a fala da informante 3FGI:

3FGI. - Não. Os hábitos são muito diferentes

Nessa resposta o componente conativo foi acionado de forma desfavorável à possibilidade de se relacionar com uma pessoa de nacionalidade diferente. As atitudes têm um papel fundamental em nosso comportamento, atreladas às escolhas que fazemos para nossa vida (LAMBERT; LAMBERT, 1975). Dentre essas escolhas estão as de relacionamentos em geral, profissionais, religiosas, que advém de pensamentos, crenças construídos e de experiências vividas ao longo do tempo.

A última questão realizada aos informantes, foi: “Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um argentino/paraguaio? Por quê?” Para essa pergunta, novamente houve uma diferença em relação aos argentinos e paraguaios. Em Santo Antônio do Sudoeste e Capanema, mais de 70% dos informantes disseram que iriam a uma consulta com médico(a) e/ou dentista argentino(a), já em Guaíra o percentual baixou para 50%, e os informantes que justificaram disseram que a situação é mais precária na saúde paraguaia e sem recursos. Vejamos a resposta do informante 2MGII, de Capanema:

2MGII. - No momento, não.

INQ. - Não, por quê?

2MGII. - Eu não sei, porque a gente conhece a cidade deles pequena, lugar diferente, né, com pouco recurso, né.

O informante 2MGII é de Capanema e referindo-se à Comandante Andresito como “cidade pequena” em que há “pouco recurso”. O componente conativo acionado na fala desse informante foi com uma visão desfavorável aos vizinhos argentinos, além de generalizada. Embora a cidade seja pequena, pode haver excelentes profissionais na área médica e odontológica.

Em vários excertos, ao longo da análise, ocorreram generalizações. De acordo com Bem (1973), as crenças que um indivíduo tem, formam a compreensão que ele tem de si e do meio em que está inserido, mas nem sempre são confiáveis, dependendo da situação, e alerta que

[...] nem sempre são verdadeiras em todos os casos além daquele conjunto de experiências nas quais se baseiam. Quando um indivíduo considera tais generalizações como se fossem verdades universais, geralmente as denominamos estereótipos. (BEM, 1973, p. 17-18).

Com base em experiências pessoais pode-se afirmar que o(a) informante conheça mais do que a fronteira em que vive. Porém, muitas vezes as falas são generalizadas por experiências vividas apenas na fronteira.

De modo geral, o componente conativo ou de conduta, foi acionado nas questões de forma positiva em relação aos vizinhos argentinos ou paraguaios. No entanto, nos excertos apareceram discussões a partir das respostas dos informantes, que nos fazem refletir e perceber as crenças e atitudes linguísticas dos informantes brasileiros em relação aos falantes do espanhol, como à língua e à cultura.

Considerações finais

As localidades de Santo Antônio do Sudoeste, Capanema e Guaíra, cujos dados foram selecionados para esta dissertação, abrigam vários povos imigrantes, além de estreitarem relações com os vizinhos argentinos e paraguaios. São regiões de contato linguístico, conforme citado pelos informantes em vários excertos e também apresentam uma variedade cultural decorrente dessa mistura que se torna cada vez mais recorrente devido às relações comerciais entre os países, famílias que moram do outro lado do país, amizades e datas festivas.

Os informantes fronteiriços de Capanema se mostraram abertos à construção de novas relações com os argentinos de Comandante Andresito, embora tenham as restrições de horários para travessia, por conta da aduana que só funciona em horário comercial, enquanto os informantes de Santo Antônio do Sudoeste, com uma circulação mais livre entre as aduanas, de modo geral, mostraram que essa relação já está muito bem construída, apresentando crenças e atitudes muito favoráveis aos vizinhos de San Antonio. E os informantes de Guaíra se mostraram um pouco mais resistentes com o componente afetivo acionado, por vezes, demonstrando uma rejeição à língua, ao povo, à cultura, o que fez muitos acionarem o componente conativo, devido às crenças, que provavelmente foram formadas pelo contato com a família e amigos, que já tem suas percepções construídas ao longo do tempo acerca de vários aspectos fronteiriços.

No entanto, embora tenha havido uma maior resistência nas atitudes por parte dos informantes de Guaíra, os dados não foram na totalidade negativos, pelo contrário, houve uma divisão entre os informantes, o que demonstra um caminho de abertura para um maior contato entre brasileiros e paraguaios, que têm relações comerciais já tão estreitas.

Estamos nos (re)constituindo a todo o tempo, sabemos que não saímos de um diálogo com um vizinho argentino ou paraguaio, por exemplo, com a mesma concepção que iniciamos a conversa. É um processo e tudo depende das experiências e das relações construídas para que essa construção nos leve a ter atitudes de mais aceitação ou rejeição, seja à outra língua, ao povo, à cultura.

Os resultados da pesquisa trazem reflexões acerca do processo de constituição das crenças e das atitudes linguísticas dos sujeitos que habitam as regiões fronteiriças selecionadas, em que há um grande contato comercial já estabelecido entre os países por meio do Mercosul, mas que vão além e apresentam, naturalmente, tantos entrelaces de línguas, de culturas, de identidades, que constituem os sujeitos e que podem/devem motivar pesquisas mais profundas nessas regiões, pois sabemos que os estudos sobre crenças e atitudes linguísticas ainda são recentes. Além disso, a análise dos dados coletados gera resultados que proporcionam um alcance nas pesquisas sociolinguísticas, de compreender como se estabelecem essas relações e quais mudanças elas podem gerar ao longo do tempo.

Os dados levantados pelo CAL já têm alguns anos, ou seja, as gerações vão mudando e as relações podem ficar mais ou menos estreitas. Certamente houve/está havendo uma grande mudança entre o ano de 2020 e este, pela pandemia mundial do Covid-19. Por um bom tempo as fronteiras permaneceram totalmente fechadas, o que provavelmente acarretou perdas de emprego de brasileiros que trabalhavam do lado argentino ou paraguaio e ao contrário. Desempregos, famílias e amigos de um lado e de outro que não podem se visitar, eventos culturais que não podem acontecer. Ou seja, mudanças que ocorreram forçadamente e que acabam desestabilizando a economia e as relações entre os povos fronteiriços, que tiveram que se adaptar ao “novo normal”.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato.** [Projeto desenvolvido pela autora], 2009.

BEM, Daryl J. **Convicções, atitudes e assuntos humanos.** Tradução de Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: EPU, 1973. (Coleção Ciências do Comportamento).

BENTIVOGLIO, Júlio César. **Os pontos cegos da história: a produção e o direito ao esquecimento no Brasil – breves notas para uma discussão.** OPSIS, Catalão-GO, v. 14, n. 2, p. 378-395 - jul./dez. 2014.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil.** São Paulo: Ática, 1991.

GÓMEZ MOLINA, José Ramón. Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales. In: **Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina – Alfal**, 11., 1996, Las Palmas de Gran Canaria. Actas... Las Palmas de Gran Ca.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1975.

LÓPEZ-MORALES, Humberto. **Sociolingüística**. Madrid: Gredos, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa Social: teoria e método e criatividade**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOLLICA, Maria Cecília. **Enfoques de pesquisa sobre a relação língua e sociedade**. Veredas, revista de estudos linguísticos. Juiz de Fora, v. 5, n. 1 p. 7 a 19, 2001.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. 4.ed. 5ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2019.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. 4.ed. 5ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2019. p. 33-42.

PEREIRA, Ancelma Barbosa. **Linguagem e construção identitária de alunos brasileiros em mobilidade geográfica e linguística no contexto da fronteira Brasil/Venezuela**. 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado em Estudos linguísticos neolatinos, opção: língua espanhola) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; Os contatos linguísticos e o Brasil: Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (Org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 13-56.

SANTANA, Vanessa Raini de. **O papel dos operadores argumentativos na demarcação de crenças e atitudes em Foz do Iguaçu**. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

SELLA, Aparecida Feola; CORBARI, Clarice Cristina. **Crenças e atitudes linguísticas de falantes urbanos de Irati (PR): um olhar sobre o outro**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 41 (2): p. 723-738, maio-ago 2012.

STURZA, Eliana Rosa. **Línguas de fronteiras e política de línguas: uma história das idéias lingüísticas**. 2006. 158 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4.ed. 5ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2019.

ESPACIO DE (DES)ENCUENTROS: CREENCIAS Y ACTITUDES LINGÜÍSTICAS EN LAS FRONTERAS BRASIL/ARGENTINA Y BRASIL/PARAGUAI

RESUMEN: Esta investigación analizó las creencias y las actitudes lingüísticas de moradores de las fronteras Brasil/Argentina acerca del español, a partir de los datos colectados en el Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato (SELLA; AGUILERA, 2009), en Santo Antônio do Sudoeste-BR, Capanema-BR, y de la frontera Brasil/Paraguay, en Guaira-BR. A partir de la constitución histórica de las localidades y de las variables sociales (sexo, grupo de edad, clase social y nivel de escolaridad) se buscó comprender cuáles componentes (cognoscitivo, afectivo, conativo) actúan sobre las creencias y actitudes lingüísticas de hablantes de portugués sobre el español y sobre lenguas en contacto en las localidades investigadas. El componente conativo fue el menos accionado en los informantes, y, a partir de él, surgieron respuestas que mostraron diferencias entre los puntos.

Palabras-clave: Creencias y Actitudes lingüísticas. Frontera. Lenguas en contacto.

Envio: 01/08/2020

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO 3267